

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA

GÊNERO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

TYRONE ANDRADE DE MELLO

Porto Alegre
2018

TYRONE ANDRADE DE MELLO

GÊNERO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Geografia como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado.

Orientadora:
Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Porto Alegre
2018

TYRONE ANDRADE DE MELLO

GÊNERO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini – UFRGS

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella – UFRGS

Prof. M.Sc. Carlos André Gayer Moreira – (IFS)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Universidade Federal do Rio Grande do Sul por proporcionar cursar a graduação de Geografia. Aos professores e professoras do curso de Geografia e da Faculdade de Educação, com suas lições e história de vida disponibilizados nas aulas, cada um de forma peculiar contribuíram para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para a minha formação geográfica. Em especial, meus agradecimentos aos professores e as professoras Nestor André Kaercher, pelo aprendizado e nas verdadeiras lições de como as práticas educativas são preciosas para a educação geográfica. Aqui cito um livro dele que me marcou bastante na minha formação: *Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica*. A minha e querida orientadora, Ivaine Maria Tonini, pela lição e dedicação na contribuição à materialização desta monografia. Verdadeiramente a professora é incrível e um exemplo a ser seguido pela disposição e amor demonstradas nas suas aulas e diálogos.

Aos meus amigos e amigas que fiz durante o curso. Em especial Amanda Macêdo, Aiurgue Silva, Ben Hur José Silveira Soares, Carolina Rehling Gonçalo; Caroline Guedes, Fernando Xavier, Genilson Nunes, Jaderson Fagundes, Larissa Foppa, Ludmila Losada, Marina Leonhardt, Pérteson Silveira, Thiago Marques, Vinícius Santos pelas dicas e compartilhamento de ideias e amizade que surgiu no curso.

Aos meus pais Davi Neto e Jane Andrade pela força de terminar o curso que sonhava. A minha irmã, Viviane Davi pela grande amizade. Ao meu primo Adriano Barboza, um amigo, um conselheiro.

Por fim, agradeço de forma muito especial aos meus colegas da Escola Estadual de Ensino Fundamental Araújo Viana por acreditar no meu projeto nas turmas da 8ª Séries (na época) onde pude realizar o trabalho de campo na encosta do Morro da Cruz, razão do meu fazer docenciar.

Dedico este trabalho aos meus alunos e alunas: incansáveis motivadores se e quando instigados. Demonstro desse modo reconhecimento da importância do ensino da Geografia obrigatório na grade curricular, principalmente, no Ensino Médio.

sofrem uma dualidade que se instala na 'anterioridade' do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de 'dentro' de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores e autores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo (FREIRE, p. 35, 2002).

LISTA DE ABREVITURA

CD FNDE – Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

DCN – Diretriz Curricular Nacional

DCNEM – Diretriz Curricular Nacional do Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LIAU – Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano

PNLDEM – Plano Nacional do Livro Didático do Ensino Médio

PNDL – Plano Nacional do Livro Didático

ONU – Organização das Unidas

OMC – Organização Mundial do Comércio

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Denuncie.....	15
Figura 2:	Guia do Livro Didático Geografia PNLD/2018.....	16
Figura 3:	Mulheres em atividade industrial.....	22
Figura 4:	Homem em atividade industrial.....	23
Figura 5:	Homens em atividade primária.....	24
Figura 6:	Mulheres em atividade primária.....	25
Figura 7:	Mulheres em atividade doméstica	25
Figura 8:	Mulheres e homens em cargos relevantes.....	26
Figura 9:	Mulher na presidência do país.....	27
Figura 10:	Homens Sul-africano em atividade industrial.....	28
Figura 11:	Homens e mulheres em atividade terciária.....	29
Figura 12:	Homens e mulheres em atividade de prestação de serviços.....	29
Figura 13:	Mulher em atividade industrial.....	30
Figura 14:	Mulheres na economia informal.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Fronteiras da Globalização nos PNLD EM	20
Quadro 2:	Setores ocupacionais por gênero no livro didático de Geografia	31

SUMÁRIO

1	CARTA DO AUTOR.....	11
2	LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO.....	14
3	PELAS LENTES TEÓRICAS E INVESTIGATIVAS.....	16
4	O GÊNERO NAS IMAGENS.....	20
5	ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	REFERÊNCIA DO LIVRO DIDÁTICO ANALISADO.....	36

1.CARTA DO AUTOR

Para que seja possível que você, leitor e leitora, entenda como cheguei a este Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de licenciatura em Geografia, terei que relatar um pouco de minha trajetória como professor temporário de Geografia da Rede Pública do Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. Minha intenção inicial era realizar uma pesquisa sobre investigar como acontece a aprendizagem entre alunos e alunas aplicando o questionário da oficina Arroio da Bica¹ na leitura da paisagem do bairro.

Durante o disciplina de *Estágio de Docência em Geografia I* pretendia fazer o estágio na *Escola Municipal Judith Macedo de Araújo*. No entanto, não foi possível. Foi um desalento, pois já estava combinado com professor regente dessa escola sua realização. A escolha dessa escola deve-se pela presença do Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU), o qual estava sob responsabilidade do professor de Geografia da escola. Era uma parceria certa, já tinha entrado em contato com a profa. Kátia Kellen² para auxiliar-me no mapeamento do Morro da Cruz, para ajudar-me a selecionar material para trabalhar com curvas de nível com os alunos da turma C10, através da oficina. Neste nível de escolaridade, os alunos estudam alfabetização cartográfica e Brasil, então o tema da oficina estava vinculado aos conteúdos trabalhado em aula. Assim, o LIAU seria uma parceria profícua para as aulas de Geografia.

O estágio realizou-se na *Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Leopolda Barnewitz*, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), turno diurno, pois trabalho todas as manhãs na Escola Estadual de Ensino Fundamental Araújo Viana e na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Osório Duque Estrada. Nesta última escola trabalha também à tarde duas dias da semana por isso meu estágio se realizou na Escola Leopolda.

¹ Esta oficina foi uma atividade realizada na disciplina de *Metodologia da Pesquisa em Geografia*, a partir de um processo de reflexão teórico-metodológica, que se iniciou em 2013 com as aulas de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental Araújo Viana, nas turmas da 8ª séries (na época) em trabalho de campo no Morro da Cruz.

² Professora do Departamento de Geografia, responsável pela disciplina de Geomorfologia do curso de Geografia/UFRGS.

O *Estágio de Docência em Geografia II* esta sendo realizado no *Colégio Estadual Paula Soares*. Pretendia fazer no *Colégio Estadual Anne Frank*, no bairro Bom Fim, para dá continuidade ao trabalho com os alunos e alunas do Ensino Médio. Trabalhei a ocupação da Cidade Baixa com um trabalho de campo com eles e elas da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental no Parque Redenção na Rosa dos Ventos. Faria uma comparação com os alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio com a mesma proposta verificando semelhanças e diferenças no processo de aprendizagem.

Era uma possibilidade de Trabalho de Conclusão de Curso quando conversei com a professora Adriana Dorfman³ fazer um comparativo do Estágio I e II aplicar o mesmo projeto que trabalhei na *Escola Estadual de Ensino fundamental Profa. Leopolda Barnwitz* no *Colégio Estadual Anne Frank* mostrando a importância do ensino da Geografia obrigatório na grade curricular principalmente no Ensino Médio.

O trabalho realizado foi a ocupação do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre no Rio Grande do Sul e orientação no espaço da cidade com saída de campo à Redenção no espaço da Rosa dos Ventos. Ali foi uma área degradada da cidade de Porto Alegre e durante o século XX sofreu processo de gentrificação.

Porém a escolha da escola municipal e ou estadual para cursar a última etapa de graduação do curso de Geografia, os *Estágios Supervisionados*, foi devido a greve desencadeada a partir de 28 de abril, restringindo a escolha das escolas, pois os professores e professoras organizados(as) tiveram seu tempo restrito atender seu estagiário e também ser justamente no semestre final do curso.

No *Colégio Estadual Paula Soares* com muita antecedência consegui contato com a professora regente de Geografia, que me oportunizou estagiar ali, com o acordo de que deveria trabalhar os conteúdos do livro didático de Geografia. Foi aí a guinada de mudar o tema de estudo do Trabalho de Conclusão, não mais a Oficina sobre curvas de níveis e sim analisar os livros didáticos de Geografia no Ensino Médio.

Durante as aulas do estágio fui observando e constatando livro didático de Geografia como um objeto de estudo possível de ser pesquisado. O livro utilizado na turma 203 *Fronteiras da globalização*, autores Lúcia Marina e Tércio, da editora

³ Professora do Departamento de Geografia, responsável pela disciplina de Geografia política e Estudos Continentais do curso de Geografia/UFRGS.

Ática, aprovado no PNLD 2015 me chamou atenção quanto a sua formatação: conteúdo com muito texto e poucas imagens, com bastante gráficos e tabelas, os mapas somente regionais dentro do contexto da globalização. E quanto as questões referentes a sociedade, as desigualdades de gênero tem capítulo dedicado a esta temática. No entanto, apresentava lacunas como imagens de lideranças feministas, aparecia governantes e algumas personalidades políticas do mundo e do país somente masculinos. Isto passou ser interessante pra mim e me capturou pra analisar.

O estudo de gênero tem inspiração desde o início de minhas atividades de professor de geografia. Os livros didáticos de Geografia que até então trabalhei não encontrei um capítulo dedicado a temática gênero. Nas escolas onde leciono verifico as questões de gênero serem pouco ou nada serem debatidas e como professor me incomoda muito a ausência de apoio/suporte de que maneira trabalhar gênero na sala de aula.

Diante disso, este estudo tem como intenção examinar as imagens de relações de gêneros, veiculadas no livro didático de Geografia do 2º ano do Ensino Médio, mediante os seguintes objetivos:

- identificar as imagens de gênero a partir de setores ocupacionais;
- analisar as estratégias usadas para construir suas representações;
- estabelecer reflexões dos significados de mulheres inscritas nas imagens.

2. LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio é recente em relação ao Ensino Fundamental. É publicada a Resolução CD FNDE nº. 38, de 15/10/2003, que institui o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). Desde então as escolas públicas que oferecem a última etapa da Educação Básica escolhem a cada três anos uma coleção para trabalhar com os alunos e alunas.

O PNLD é o mais antigo dos programas de livros do Ministério da Educação voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes e da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Porém a distribuição de obras didáticas voltada ao Ensino Médio é recente. A distribuição deste nível de ensino começou apenas em 2007 e a Geografia se insere no programa apenas em 2009. Isto evidencia a importância que davam a Geografia ao posicioná-la para integrar ao programa por último, inicialmente foram contemplados Matemática e Português depois Biologia, Química, História, Física e enfim a Geografia.

Inicialmente o PNLD Ensino Médio apresentava a coleção com dois volumes, Geografia Geral e Geografia do Brasil, reutilizável por três anos, e sem indicação para qual ano deveria ser adotado. Com a expansão do Programa a coleção passa constar com três volumes e com indicação de qual ano do Ensino Médio esta destinada. Este aumento de volumes conecta-se o que se denomina de indústria do livro didático, pois os conteúdos dos dois volumes anteriores foram diluídos nos atuais três volumes.

A Geografia do Ensino Médio está presente nos PNLD do Ensino Médio de 2009, 2012, 2015 e 2018. O processo de avaliação sempre foi realizado por Universidades Públicas, a convite da Comissão Técnica de Geografia/Coordenadoria Geral de Avaliação de Materiais (COGEAM/MEC). O único edital público foi o 2018, em que as universidades públicas tiveram a oportunidade de submeter projeto de avaliação do programa a COGEAM/MEC.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento ao Estudante (FNDE) é responsável em sua operacionalização para execução final do PNLD realizar o processo de escolha,

dos livros junto as escolas, compilar resultados das indicações a fim de subsidiar as fases de negociação e aquisição junto as editoras, para posteriormente realizar compras e distribuição dos livros.

Também é de responsabilidade do FNDE a disponibilização dos Guia de livros didáticos em seu portal na internet e enviava o mesmo material impresso às escolas cadastradas no censo escolar. O PNLD 2018 só está disponível a versão digital. Geralmente está acessível a partir do semestre anterior a sua adoção do ano letivo. Por exemplo, o Guia 2018 já estava disponível a partir de 2017/2. O Guia tem sua função inicial orientar a escolha dos livros a serem adotados pelas escolas. No entanto, a escolha se faz, em sua maioria, pelos livros didáticos entregues pelas editoras nas escolas. Mesmo com o alerta do FNDE (2018) que comenta:

A partir do dia 28 de junho até o final da temporada de escolha, os representantes das editoras ficam impedidos de acessar as dependências das escolas para realizar divulgação dos títulos participantes, e ficam proibidos de participar de eventos das escolas e secretarias destinados à realização das escolhas. Às escolas não é permitido aceitar vantagens oferecidas pelos editores e seus representantes.

E as que já realizaram antes desta data foram beneficiadas na divulgação. Em grande parte dos professores desconhecem o processo da escolha e, muito menos, a existência de um Guia pra auxilia-los. Como também da possibilidade de fazer denúncias sobre alguma irregularidade do processo. Como ilustra a Figura 1 a seguir.

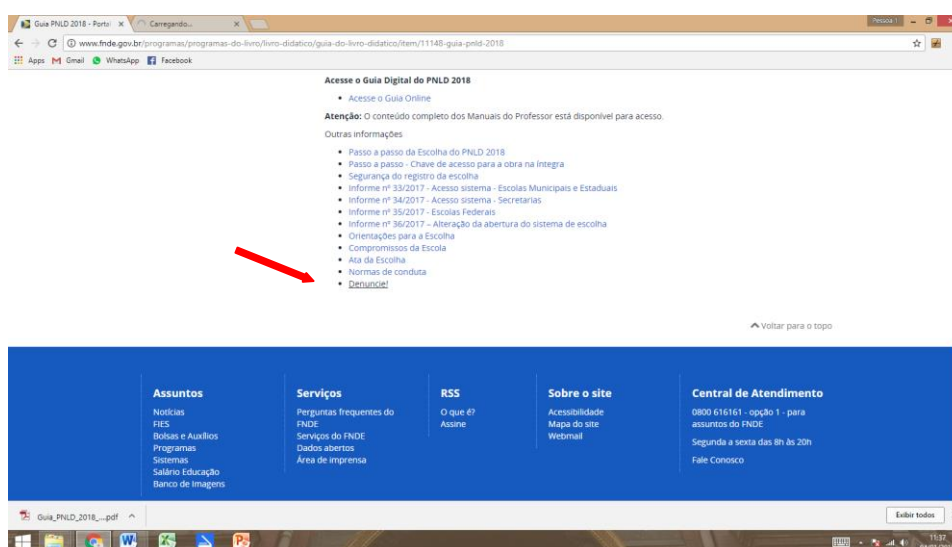


Figura: Denúncie
Fonte: www.fnnde.gov.b, 2018.

Nos Guias sempre constaram a resenha de cada Coleção aprovada, onde descreve minuciosamente suas características. No Guia de Geografia 2018, Figura 2, a Resenha apresenta: Visão Geral, Descrição da Obra, Análise da Obra e Em Sala de Aula, todos itens potencialmente são de suma importância pra professor subsidiar sua escolha e como também estar informada quais são as Coleções disponibilizadas.



Figura 2: Guia do Livro Didático Geografia PNLD/2018.
Fonte: www.fnnde.gov.br, 2018.

Desde o Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 tem como critério avaliativo questões relativas as ilustrações, gráficos, mapas. Elas passam a fazer parte de uma linguagem entendida como produtora de significados. A partir de então, os livros trazem uma visualidade bastante diversificadas, ajustam-se aos conteúdos e temas, possuem legendas simples e claras, algumas favorecem a problematização e auxiliam na compreensão do conteúdo. Os mapas, em sua maioria, apresentam escala e legenda adequada para representar os fenômenos estudados. Todo este cuidado se dá por ser critério avaliativo para ser aprovada, ou seja, incluído no PNLD.

3. PELAS LENTES TEÓRICAS E INVESTIGATIVAS

Observar, analisar, tentar compreender os significados inscritos sobre o gênero nas imagens do livro didático de Geografia é o caminho escolhido para este estudo. O desafio do meu olhar se insere nas discussões teóricas entrelaçadas pela Geografia e os Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais são um campo de investigação de caráter interdisciplinar, por não abarcar um único método, mas tem sua centralidade em explorar como se dá produção ou criação de significados em diversas linguagens. Com este direcionamento, a construção do significado e dos discursos reguladores das práticas sociais, econômica e culturais. Diante disso, este campo de estudo tem na área das humanidades forte penetração na atualidade. Estudos de movimentos sociais, afroindígenas e gênero tem trazido para suas pesquisas referenciais teóricos deste campo de estudo (COSTA, 2002).

Um questão central nos Estudos Culturais é o deslocamento da concepção de cultura, ou seja, compreender o conceito de cultura num significado político como um campo de luta e contestação, concretamente implicado na criação dos sentidos e na constituição dos sujeitos dos diferentes grupos sociais. Assim, busco analisar geograficamente as construções de identidades de gênero. Um olhar marcado pelo discurso de envolvimento social, que desembrulha a densidade de relações e de domínios sociais que se cruzam e tende a se preocupar como os significados são produzidos.

É importante esclarecer que entendo a Geografia como uma ciência social, onde o objeto é o espaço geográfico em que existam diferentes Geografias no plural. Não é aquela Geografia hegemônica com aspectos da natureza, população e econômica, mas considero que o conhecimento da totalidade deste espaço geográfico passa pelas linhas possíveis de fazer recortes mais densos sobre o gênero a partir das relações de poder.

Estudos de gênero na Geografia já faz um certo tempo que vem sendo realizados. Segundo Susana Maria Veleza da Silva dizia:

os adjetivos colados à Geografia não são “adjetivações” que aqui, segundo Saussure (BOURDIEU, 1994), como pontos de vista, recortes desta realidade que nos permitem uma maior compreensão do todo. Dessa forma, a Geografia de gênero e ou feminista é mais um enfoque, que não deve perder as outras mediações (1998, p.2).

Assim, os estudos feministas preocupados com as relações de poder já estão anunciados há tempos. Esses estudos demonstram as formas de silenciamento e os estereótipos construídos socialmente e culturalmente sobre as diferenças entre homens e mulheres. Também há tempos Guacira Lopes Louro auxilia ao afimar:

as concepções tradicionais são também perturbadas por outro insight de Foucault, que consiste em perceber o poder não apenas como coercitivo e negativo, mas como produtivo e positivo. O poder não incita. Chamando a atenção para as minúcias, para os detalhes, para as táticas ou técnicas aparentemente banais, ele nos faz observar que o poder produz sujeitos, fabrica corpos dóceis, induz comportamentos, “aumenta a utilidade econômica” e “diminui a força política” dos indivíduos (1993, p. 40).

A autora ainda comenta sobre isto:

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relacionamentos que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (p. 47).

Pensamentos conservadores apontam a “natureza” da mulher como forma de justificar sua opressão para melhor explorá-las, colocando com suas atribuições naturais os trabalhos domésticos como cuidar dos idosos e crianças. Segundo as autoras Susane da Costa Waschinewski e Giani Rebelo dizem:

a luta das mulheres na sociedade por espaço no mercado de trabalho, os avanços que as mulheres vêm conquistando como o direito ao voto, as leis de proteção às vítimas de violência, e em alguns países a legalização do aborto, não significa dizer que seu dia a dia não sofre com a opressão. A opressão da mulher ocorre de várias formas, através do trabalho doméstico não remunerado, quando sofre com o assédio no trabalho por parte do patrão que tenta se aproveitar de sua condição de empregador para submetê-la às situações constrangedoras, ou mesmo de seus colegas de trabalho, com piadas, ou através da cultura das telenovelas, música e propagandas de cerveja. Para compreender a opressão da mulher da mulher nas diferentes esferas da sociedade é necessário compreender o conceito de gênero (2015, p. 2).

Gênero é um conceito que identifica o tipo de relação social que se estabelece entre homens e mulheres, determinada pela cultura em que vivemos. As relações de

gênero são socialmente construídas e, como tal, específicas de cada formação social que, por sua vez, sofre alterações econômicas e culturais. O termo sexo é diferente de gênero, pois diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Conforme Guacira Lopes Louro diz:

[...] estar atenta ao intolerável – critério significativo para alguém reconhecer o que vale a pena colocar em primeiro plano em sua vida, em suas reflexões e ações. Essa ideia, que não é minha, tomei emprestada de uma estudiosa espanhola chamada Maite Larrauri. Ela parece justificar minhas escolhas acadêmicas e profissionais. Perguntada sobre o que vem a ser “o intolerável”, Maite responde que não pode ser aquilo que muita gente acha que é, pois “uma das condições do intolerável é que, para a maioria, não é intolerável, mas normal” (2007a, p. 203).

Dando continuidade a este entendimento sobre questões de gênero:

O que considero intolerável, possivelmente, é colocado, por outros por muitos, no plano do aceitável, talvez no âmbito do comum ou do “normal”. Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, por mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível” (LOURO, 2007a, p. 203).

Nesse trabalho analiso o gênero nas imagens no livro didático de Geografia do Ensino Médio do 2º ano, através da divisão sexual do trabalho. Questiono sobre as questões de gênero instigado pelo fato de encontrar uma maior quantidade de imagens de homens em relação às das mulheres. Tal fato, contribui para a produção do feminino e do masculino na sala de aula. Esta inspiração vem de Tonini (2002) em que afirma encontrar nos livros didáticos uma divisão sexual territorializada do gênero, onde homens e mulheres ocupam setores diferenciados e agravados por uma hierarquia econômica.

Corroboro com Louro quando diz:

a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da ciência. É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o “verdadeiro” universo da mulher já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda, em boa parte) rigidamente

controladas como secundárias, “de apoio”, de assessoria ou auxílio ao cuidado ou à educação (1997b, p. 17).

A partir deste entendimento de gênero e das imagens como produtoras de significados, meu olhar no livro didático direcionou-se para o livro adotado na escola: *Fronteiras da Globalização*, 2 ano, dos autores Tércio Barbosa Rigolin e Marina Alves Almeida, Editora Ática. Este livro esteve presente em todos PNLD do Ensino Médio, como ilustra a Tabela 1.

Tabela 1: Fronteiras da Globalização nos PNLD EM

2009	2012*	2015	2018
Geografia Geral e do Brasil	Fronteiras da Globalização	Fronteiras da Globalização	Fronteiras da Globalização

Fonte: Mec, 2018.

Org: O autor

Obs: * Troca do título da Coleção por apresentar outra configuração de volumes.

Neste livro encontrei 157 imagens de população, sendo estas 49 de homens e 45 de mulheres. As demais imagens foram descartadas para as análises por não apresentarem os critérios para tal. Dessas imagens foi possível identificar de homens em atividades de trabalho 24 imagens e de mulheres 15 imagens.

Num olhar simplista tanto homens como mulheres estão sendo mostrados nas imagens que circulam no livro didático. No entanto, o homem tem uma presença quantitativa bem maior que a mulher

É neste ponto que se percebe a importância do olhar atento para investigação, como TONINI (2002) comenta sobre a estratégia desta etapa:

consistir em questionar a invenção da identidade, através da exploração dos sistemas particulares de regras de raciocínio e de produção de enunciados que estão entranhados nas práticas de sua produção. Também percebi que não bastaria fazer uma crítica no que está inscrito nestes discursos, minha investigação deveria girar em torno dos processos que constroem os significados praticando uma crítica que se diferencia daquela desenvolvida pela racionalidade moderna. Deveria focalizar minha análise no que Veiga-Neto (1995a) chama de hipercrítica, por entender que ela também deve ser submetida a crítica, a suspeita, a desconfiança (2002, p. 33).

O interesse neste estudo vem da minha atuação como professor temporário da escola pública, preocupado com situações atualmente com as questões de gênero.

Na disciplina de *Estágio Supervisionado II* me pus novamente na situação de ensinar o que é gênero e o que chamou atenção foi um capítulo destinado a essa temática, pois o gênero não se ensina num capítulo, mas em todo o livro durante todo texto principal, nos gráfico, esquemas, mapas, tabelas.

4.O GÊNERO NAS IMAGENS

Este capítulo aborda o gênero nos setores ocupacionais pelas imagens do livro didático de Geografia. Ao identificar os endereçamentos dados auxilia a entender as construções culturais de posicionamento de homens e mulheres na sociedade.

Diante disso, compartilho com os estudos realizados por Louro (2007a, 2007b); Scott (1995); Rangel (2013); TONINI (2002) onde assinalam que os argumentos para construir as identidades das mulheres e dos homens devem ser buscados não numa biologia determinista, mas nos arranjos sociais, na história, nos processos que engendram vários mecanismos para estabelecer suas identidades.

Analiso o livro didático de Geografia *Fronteiras da Globalização* de Lúcia Marina e Tércio. Neste livro observo como o gênero esta inscrito na atividade econômica da sociedade por meio de imagens é mostrada por divisão sexual, onde a mão-de-obra tem sexo para cada setor de atividade econômica. Isto é, homens e mulheres não dividem o mesmo espaço de trabalho e nem mesma atividade setorial.

As imagens masculina e feminina de forma separada são mostradas nas Figuras 3, 4 e 5. A primeira refere-se na segunda metade do século XVIII quando na atividade produtiva ocorreram várias mudanças tecnológicas. Para mulher foi destinada a continuidade do tipo setorial já desenvolvido no espaço doméstico: cuidado têxtil, esforços físicos mais leves.

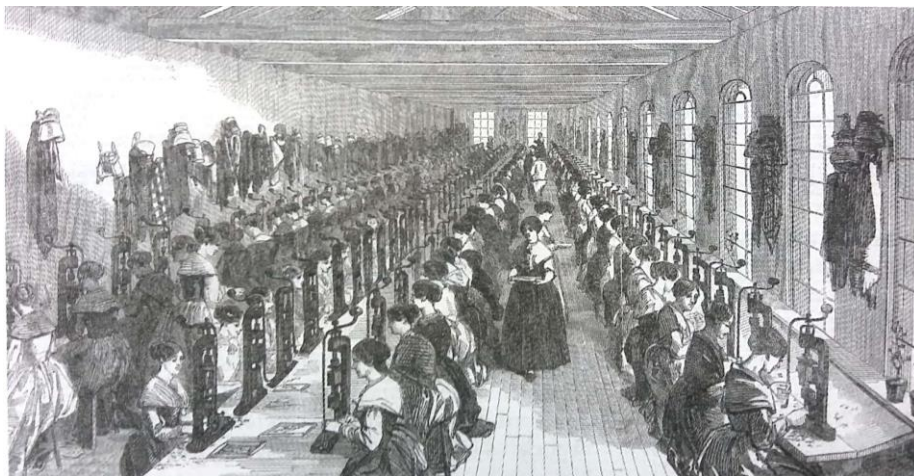


Figura 3: Mulheres em atividade industrial
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M. , 2015.

Observo que nos textos escrito não aparecem nada sobre questões de gênero, as imagens estão soltas na página, como mero preenchimento de página, apenas a legenda aponta pra trabalho realizado por mulheres e homens.

A Figura 4 também é do setor industrial, a qual mostra homens trabalhando em uma montadora de automóvel.



Figura 4: Homem em atividade industrial.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Qual a diferença marcante entre as duas figuras para além da atividade têxtil e automobilística?

Uma é em que tempo a imagem é retrata. As mulheres congeladas no passado e os homens na atualidade. Isto pode direcionar ao pensamento que os homens são mais articulados com o novo. A outra é que existe uma diferença de exigência de qualificação entre as atividades desempenhadas entre as mulheres e os homens. Também chama a atenção que a mulher é mostradas num desenho enquanto que os homens são em fotografias.

A Figura 5 mostra homens na atividade primária, na recuperação de floresta de um parque nacional, cujo setor exige grandes esforços físicos. Para realizar este tipo de atividade a condição é ter desempenho físico.

Estas Figuras retratam setores ocupacionais distintos: primário e secundário. Em uma leitura simplista pode se pensar que as mulheres estão em posições melhores, pois na economia o setor industrial sempre é mais valorizado. No entanto, a função que elas desempenham na indústria é de mero fazedora de atividade repetitiva, na qual não exige qualificação intelectual.



Figura 5: Homens em atividade primária.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Estas Figuras também potencializam colocar nosso pensamento em movimento: onde estão os homens na atividade industrial têxtil? Ou não exercem esta atividade? E onde estão as mulheres na atividade da indústria automobilística? Ou não exercem esta atividade?

A Figura 6 mostra mulheres de outro contexto espacial, em que o mundo se encontrava regionalizado entre países do Oeste e países do Leste, em que mostra mulheres na atividade primária, em trabalho coletivo de plantação de batatas num kolkhoz na ex-URSS. Se a Figura 3 congela a mulher num passado distante a Figura 6 também vem na mesma esteira de significado, elas estão em mundo que não existe mais.



Figura 6: Mulheres na atividade primária.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Outra imagem que circula no livro didático de Geografia com desempenho de atividades conectadas ao mundo doméstico é trazida pela Figura 7. Embora esta atividade seja exercida em espaço público, esta carregada de tributos domésticos construídos pra família nuclear: cuidado com alimentação. Também esta carregado significados de docilidade e caridade por prestar atendimento aos desempregados da grave situação de quebra da Bolsa (crash) como aconteceu em Nova York, em 1929. Pergunto havia só mulheres para esta atividade?



Figura 7: Mulheres em atividade doméstica,
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Esse é o cenário hipermasculino que o livro didático de Geografia produz ao silenciar, ao não tensionar esta configuração. Segundo Tonini:

Esses conhecimentos veiculados nos livros didáticos de Geografia estão regulando o comportamento dos estudantes, pois eles estão aprendendo quais são as funções dos homens e mulheres no espaço doméstico (2002, p. 64).

Observo na sequência das imagens do livro didático de Geografia quando aborda questões da geopolítica que os cargos políticos mais importantes são exercidos pelos homens. Além disso são os mais numerosos, basta olhar na Figura 8 da esquerda para direita a reunião de chefes de Estado do G-20; na assinatura do Tratado de Maastricht; na plenária da Assembleia da ONU; na Cúpula dos Não alinhados; e no Comitê de desenvolvimento do FMI ainda são os homens a dominar com uma ou outra mulher a dar um toque de cor, se não tivessem optado vestir-se de preto.



Figura 8: Mulheres e homens em cargos relevantes.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Apenas duas líderes do G-20 eram mulheres em 2003, em 2006 são três a alemã Merkel, a britânica Theresa May e a sul-coreana Park Geun-hye, a estas se juntou a francesa Christine Largade enquanto diretora do Fundo Monetário Internacional. No livro didático de Geografia não tem esta informação, apenas

explica a formação do G-20. Isto faz percebermos que mulheres nos mais altos cargos da política mundial ainda são uma exceção.

Em 2013 foram quatro: Merkel, Dilma Rousseff, Park Geun-hye, Cristina Kirchner, diminui para três: Merkel e a Park Geun-hye e Theresa May, e em outra reunião do G-20 em Hangzhou, China somente duas: Merkel e May.

Na Figura 9 mostra pôster da campanha presidencial pra reeleição de Cristina Kirchner em 2011, em uma rua de favela de Buenos Aires. Fato positivo da imagem é não mostrar a identidade da mulher maternal, frágil, desqualificada tão comum e ao contrário essa identidade é colocada como cargo relevante e responsável no desenvolvimento do país emergente. No entanto, o lado perverso dessa imagem é por estar colada na força de um povo de periferia, em que a precarização da infraestrutura da favela é mostrada. É uma imagem de uma realidade, mas porque entre tantas possíveis esta foi escolhida? Será que o contrário seria possível?



Figura 9: Mulher na presidência do país.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Além desta divisão sexual por setores ocupacionais, também observo no livro didático de Geografia analisado a evidência de um encaminhamento de divisão territorial de gênero entre os ditos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Isto é, os setores ocupacionais que exigem qualificação de ponta é trazido nas imagens dos ditos países desenvolvidos. E os setores ocupacionais de menor qualificação dos ditos países subdesenvolvidos, mesmo que seja no setor industrial. A atividade realizada é de controle de qualidade do engarrafamento de bebidas, como exemplifica a Figura 10.



Figura 10: Homens sul-africano em atividade industrial.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Nesta perspectiva TONINI explica:

Essa busca das características “autênticas”, normais está fundamentada num processo classificatório que tenta padronizar as identidades femininas e masculina em torno da bipolaridade: “desenvolvidas” (as/os ocidentais) e “subdesenvolvidas” (as/os outros/as) (2002, p.76) (grifos meus).

Observo no livro didático de Geografia as imagens que circulam pelos capítulos, a Rússia, China, Índia e Brasil mostram a dicotomia entre homens e mulheres em atividades tanto primária como secundária ou terciária. São países dito “subdesenvolvido”, onde a lógica de separar se faz presente. A Figura 11 exemplifica esta separação na atividade de prestação de serviços, *call-center*, onde homens e mulheres estão no mesmo recinto, porém o posto de comando tem sexo.



Figura 11: homens e mulheres em atividade terciária.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA, M., 2015.

Esta mesma perspectiva é encontrada em outros setores ocupacionais, como da saúde. A Figura 12 possui dois cenários: no primeiro a mulher parece exercer uma atividade de atendente e no segundo o homem é um médico. Tal posicionamento, o qual separa homem e mulher para exercer atividade reflete diretamente na remuneração. Homens estão sempre em atividades que exigem maior qualificação, que gera maior remuneração. A mulher, na sua maioria, ao contrário.



Figura 12: Homens e mulheres em atividade de prestação de serviços.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Para os ditos países desenvolvidos o livro didático de Geografia mostra a mulher em atividade industrial na atualidade, Figura 13 e, em atividade informal no passado, Figura 14. Tais imagens ilustram significados de deslocamento de setores ocupacionais, onde a mulher migra do trabalho informal para o formal, do cuidado dos filhos, inserção no setor industrial. São análises leves a partir de constatações de um primeiro olhar. Um olhar mais denso dispara outras análises, pois toda imagem permite pensar. Por exemplo: sua presença na indústria é como operadora de máquinas? Ou esta inspecionando a funcionalidade de uma máquina projetada por ela? E os homens ao ir para o trabalho levavam os filhos?



Figura 13: Mulher em atividade industrial
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.



Figura 14: Mulheres na economia informal.
Fonte: RIGOLIN, T.; ALMEIDA M., 2015.

Essas imagens que circulam no livro didático de Geografia estão carregadas por um referente considerado negativo para a economia na sociedade. Tonini comenta que:

Essa perspectiva espacial está articulada à história do mundo ocidental, em que as instituições familiares, políticas e econômicas estabeleceram marcas de diferenças biológicas para destinar os papéis sociais que mulheres e homens devem desempenhar (2002, p.59).

Diante disso, constato pelas imagens de mulheres e homens apresentadas no livro didático de Geografia analisado segue a continuidade da Modernidade, onde os separa por setor ocupacional. Tal divisão inspirou a elaborar um quadro sobre as profissões das mulheres e homens.

Quadro 2 – Setores ocupacionais por gênero no livro didático de Geografia

HOMENS	PROFISSÕES	MULHERES
Não	Operário de fábrica	Sim
Não	Agricultura num kolkhoz	Sim
Não	Tarefa doméstica	Sim
Não	Atriz	Sim
Não	Cozinheira	Sim
Sim	Ministros/as	Sim
Sim	Representantes dos países	Sim
Não	Lideranças dos países	Sim
Não	Assistente	Sim
Não	Presidente/a	Sim
Sim	Operário em indústria maquiladora	Sim
Sim	Operários checam as embalagens	Não
Não	Operário/a em moderna indústria	Sim
Sim	Trabalhador no comércio	Sim
Sim	Pecuarista	Não
Não	Trabalhador de telemarketing	Sim
Não	Agricultora	Sim
Não	Trabalhadora em fábrica de motores	Sim
Sim	Médico	Não
Não	Enfermeira	Sim

Org.: O autor.

Embora neste quadro não esteja pontuada a ocorrência é possível observar uma maior diversificação de profissões entre as mulheres em relação aos homens, como também, as profissões desempenhadas pelos homens são as mais privilegiadas na atual economia capitalista. Isto significa melhores remunerações, o

qual gera desigualdade sociais entre o gênero pelas diferenças de remuneração de cada profissão.

4. ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Ao chegar a etapa final, a de encerrar o texto, percebo que muitas coisas poderiam ter sido abordadas, muitas foram deixadas de lado. Mas também observo quanto aprendi ao olhar o livro didático de outra maneira ao ver quanto as imagens são produtoras de significados, o quanto elas podem nos auxiliar pra realizar práticas pedagógicas mais conectadas a atualidade.

O mais pontual desta aprendizagem foi constar a mulher ainda é tratada de forma distinta do homem quanto ocupação no setor de trabalho. É preciso muita luta pra tentar amenizar este distanciamento.

As análises de gênero realizadas no livro didático mostraram-se de suma importância devido principalmente a dois fatores: as discriminações socioeconômicas entre homens e mulheres que são geradas por ocuparem postos de trabalhos distintos e como a imagem opera na política cultural para construção de significados sobre o gênero.

Mesmo que a mulher se faz presente nas imagens dos livros didáticos, que algumas vezes ocupem setores de trabalho valorizado pela atual economia sempre tem o rastro da diferença entre ela e o homem. Raramente eles dividem o mesmo espaço de trabalho.

E outra constatação de separação é a cor da pele da mão de obra entre os ditos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. A branca é majoritariamente dos desenvolvidos e as colorias dos subdesenvolvidos.

Cabe a nós professores nos apropriarmos de referências teóricas que nos deem suportes pra direcionar um olhar denso sobre o que está sendo veiculado nos livros didáticos e quem sabe com isto amenizar um pouco as desigualdades. O que está sendo veiculado no livro didático tem os mesmos encaminhamentos da sociedade, são continuidades que devemos romper.

REFERÊNCIAS

- CAETANO, Marcio; JUNIOR, Jonas Alves da Silva; RANGEL, Mary (Orgs.). *A escola diante da diversidade*. Rio de Janeiro: Wak, 2013.
- COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos Investigativos I*. São Paulo: Lamparina, 2002.
- DANTAS, Débora Nunes; COSTA, Glauber Barros Alves. *O Livro didático de geografia e as questões de gênero: algumas reflexões*. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/339>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- DIOGO, Pereira Duarte. *Cenários Étnicos/Raciais nos livros Didáticos de Geografia – um clique na África, 2007*. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia), Departamento de Geografia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200008&lang=pt. Acesso em: 10 abr. 2017a.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teóricas-metodológicas*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200008. Acesso em: 10 abr. 2017b.
- FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE. Guia PNLD ENSINO MÉDIO. Programas do Livro. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico> Acesso em: 26 nov. 2017.
- MOEHLECKE, Sabrina. O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. *Revista Brasileira de Educação*. vol.17, n.49, pp. 39-58. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782012000100003&script=sci_abstract&lng=pt . Acesso em: 10 abr. 2017.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995) Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SILVA, Susana Maria Veleda da. *Geografia e gênero/geografia feminista – o que é isto?* Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>. Acesso em: 10 abr. 2017.

TONINI, Ivaine Maria. *Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia*, 2002. 139f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

WASCHINEWSKI, Susane da Costa; RABELO, Giani. *O Gênero nas imagens dos livros didáticos de geografia do ensino médio: a invisibilidade das mulheres*.

Disponível em:

<http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/2191>. Acesso em: 10 abr. 2017.

REFERÊNCIA DO LIVRO DIDÁTICO ANALISADO

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves; RIGOLIN, Tércio Barbosa. *Fronteiras da Globalização*. 2º Ano. 3 ed. São Paulo: Ática, 2015.